

Barco na noite, sala fechada

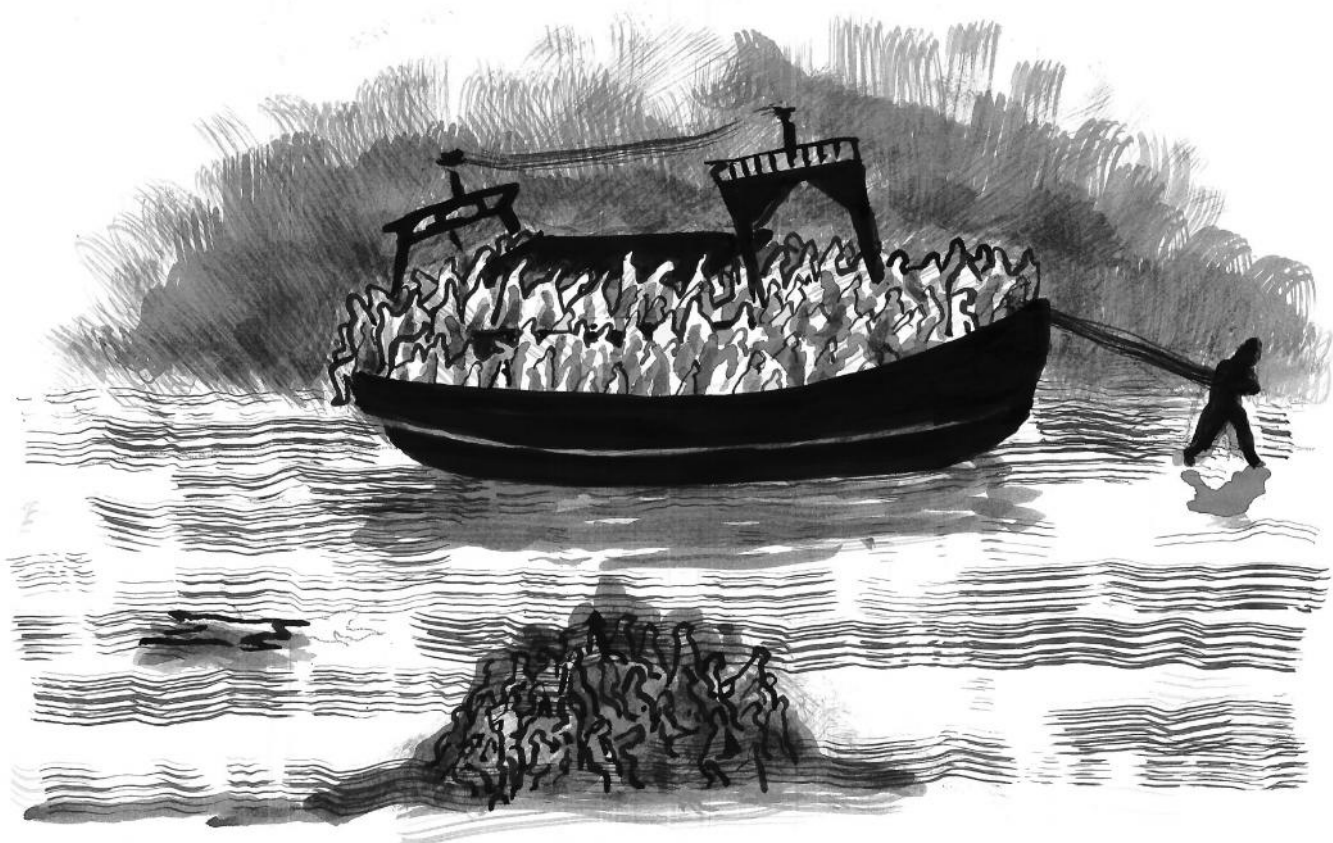
É um barco na noite. Ou serão três? Doze metros de comprimento, cem pessoas encostadas umas às outras, sem espaço para estender as pernas ou os braços, imobilizadas pelo medo, pelo frio, pela incerteza, vendo como desaparecem na distância as luzes da Líbia e depois só escuridão, o som das ondas contra o casco de plástico, os flutuadores que alguém encheu de ar, à pressa, umas horas antes. O Mediterrâneo: boca imensa, goela de água, abismo fundo. Maldito poiso de tantos mortos. Terrível cemitério das travessias. O barco na noite cruza os fantasmas de todos os destroços à deriva, de todos os naufragos. Os cem corpos apertados sabem que a morte está a um palmo de distância, mas preferem não pensar nisso, para quê pensar nisso, uma vez escolhido este caminho não há como voltar atrás, a bússola aponta para Norte, é impossível dormir, cada um reza por si e pela família a milhares de quilómetros, encomendando-se nas mãos de Deus ou de Alá.

O barco na noite é sempre diferente e sempre o mesmo. Agora leva o rapaz que trabalhou a terra desde que se lembra, foi aprendiz de carpinteiro e depois mecânico como o pai, em Abidjan, onde ao domingo jogava futebol com os amigos. Quando o pai morreu de doença prolongada, a irmã mais velha tornou-se o pilar da família. Quando a irmã morreu, ferida com golpes de machete que alguém lhe desferiu na rua, sem motivo, a família desmoronou-se. Mãe e irmãos voltaram para a aldeia. Ele preferiu ficar na grande cidade, de onde partiu com amigos para a Argélia, trabalhando como ajudante de pedreiro. Mais além, brilhava a grande miragem da Europa. Reunido o dinheiro necessário, enfiaram-se numa *pick-up* em direcção à Líbia, com dezenas de outros. Do lado de lá, são apanhados por rufias de Kalashnikov a tiracolo. Prisioneiros numa sala pequena, sempre às escuras, a pão e água salgada, perdem a noção do tempo. Passam dias, talvez semanas. Numa sexta-feira, aproveitando o momento das orações, atacam o guarda, que ainda dispara umas quantas rajadas no meio do tropel do cada um por si em correria louca. Meses mais tarde, vê o dia nascer sobre o mar, os cem corpos amarrados uns aos outros com as cordas do desespero, até que por volta do meio-dia um grande navio os encontra e os leva para Malta. Entrevistado por portugueses, confessa que não sabe nada, nada, nada sobre o país mas sorri com a perspectiva de ir para a terra do Cristiano Ronaldo.

Noutra noite, um rapaz de Korduvan sonha acordado, recordando a cabrinha *Ndjum*, a amiga que levava a pastar quando tinha quatro ou cinco anos. À sua volta, chora-se. África inteira a pairar nas águas.

Ele um dia quis ser professor mas acabou a trabalhar numa mercearia, a engolir o orgulho, a ansiar por uma vida melhor. Por isso, sobe até ao Egipto, fica dois dias no Cairo, deixa-se guiar por um amigo que conhece os esquemas da migração ilegal. Dez horas a pé até à fronteira da Líbia. A história repete-se: barco insuflável, estrelas, medo, escuridão, 130 corpos acordados, em silêncio. Itália no horizonte, um navio grande que os salva, Malta, e por fim Portugal.

O terceiro rapaz lembra-se das noites na aldeia, à volta do fogo, ouvindo histórias dos mais velhos, relatos de fazer rir vindos dos confins do tempo, formas de tornar menos miserável a miséria de todos os dias. Aos 15 anos, a ideia de ser professor de literatura desfaz-se devido a problemas burocráticos e a decisão impõe-se: «ou chego à Europa ou morro a tentar». Vende a única vaca da família e mete-se a caminho. Longa odisseia: Senegal, Mali, Argélia. E, depois de duas tentativas falhadas em Marrocos, a saída pela Líbia, ponta de um funil com tamanho de continente. A bordo, duas mulheres grávidas, uma de nove meses. Ao fim da manhã, o barco começa a esvaziar-se. Lá em cima, mesmo a tempo, um helicóptero às voltas. Mais adiante, um navio do Crescente Vermelho, a explosão de alegria quando toda a gente é recolhida, sem feridos a lamentar. Em Palermo, no campo de refugiados, explica que tem família em Portugal, um país que sempre foi o seu sonho, um sonho que depois de concretizado, diz ele, não o traiu. Os três barcos fundem-se na conversa em torno de uma mesa. Ou será só um?



Uma sala fechada. Ela está lá dentro e as paredes são feitas de palavras. As palavras que não sabe dizer em português, as palavras que uma aplicação do telemóvel traduz, de cinco em cinco minutos. Por entre risos, afirma que as suas histórias dariam para vários romances. Mas elas ficam presas no arame farpado que separa duas línguas. Como telegramas, sucedem-se os flashes. A vida antiga – quando geria dois talhos e uma loja de roupa, viajando pelo mundo (Grécia, Macedónia, Egipto, Israel, México, Sri Lanka) –, antes da guerra que fez de Donbass uma região a ferro e fogo, com tanques na rua, tudo de pernas para o ar, tudo reduzido a zero, o trabalho, os apartamentos, o futuro. E a vida ainda mais para trás: a infância em

Nikolaev, no Mar Negro, as aulas de engenharia, o trabalho como técnica de laboratório, o casamento e a filha, os anos como secretária de um centro de saúde e de uma escola de música, o fim da URSS, as crises que se seguiram. Como dizer tanta coisa com tão poucas palavras? Não se consegue. Não se consegue. No meio do caos da guerra, um amigo dos tempos da universidade convidou-a para este canto da Europa, a cinco mil quilómetros. O presente é ainda mais difícil de explicar do que o passado. Mas ela sorri sempre. E de cada vez que sorri a sala fechada abre-se um pouco mais.

A sala fechada de Leo é o seu stresse. Quando nasceu, no início deste século, em Maracayo, o povo idolatrava Hugo Chávez como se fosse um profeta. Os seus pais, pelo contrário, criticavam-no. E sofreram as consequências. O pai perdeu o emprego e a estabilidade, a mãe mergulhou em problemas emocionais. Tensão na rua, tensão dentro de casa: Leo fechou-se no seu mundo, alimentado a séries televisivas e livros de mangá. À noite rilhava os dentes, ninguém conseguia dormir. De dia permanecia no apartamento, por sua conta, quase recluso, a irmã mais velha já na sua vida. Um dia, a mãe explicou-lhe que o pai fora internado: cancro do fígado. O país em convulsão; o corpo do pai também. Depois de ficarem sozinhos, mãe e filho tornaram-se mais activos politicamente. Protestos, greves na escola, a gerarem perseguição por parte dos *colectivos*, grupos violentos de apoiantes do regime. À medida que a inflação galopava, multiplicavam-se os cortes de energia, as quebras no abastecimento de água, o número de pessoas a procurar comida no lixo. Quando dois homens de moto, sempre os mesmos e armados, começaram a surgir do nada a toda a hora, ameaçando-os, decidiram que era preciso ir embora. E foram. De Portugal, onde tencionam ficar por muito tempo, é ainda mais duro acompanhar o caos venezuelano. O ódio está no ar e em qualquer momento pode explodir, diz Leo. O stresse volta a montar o seu cerco, mesmo à distância.

A sala fechada de Solmaz é literal. Uma sala do aeroporto de Lisboa, onde ficou detida 25 dias, os piores de que tem memória. Tudo começou em Teerão, quando ela e outras mulheres decidiram enfrentar o poder político e religioso, renunciando ao *hijab*. Às quartas-feiras, tiravam o lenço e publicavam fotografias nas redes sociais, uma forma de luta não violenta a que o regime reagiu com violência. Bancária a fazer mestrado em Direito, a insubmissa Solmaz participa activamente e arrisca uma pena pesada, sabendo que quem luta contra o governo arrisca aparecer «suicidado» na prisão. Quando lhe revistam a casa, percebe que está em risco e foge a salto, pelas montanhas, com um velho montado num burro, até à Turquia. Viagem de carro para a Bulgária, a seguir de comboio para Atenas. Cortam-lhe o longo cabelo, mudam-lhe o aspecto, forjam-lhe um falso documento de identificação. A ideia é chegar a Lisboa e comprar bilhete para Amsterdão, em trânsito para a Alemanha. Mas em vez disso encontra o inferno. Agressões, labirintos burocráticos, um cartão telefónico de cinco euros que só dura 30 segundos na chamada para a família. Quando sai, esperam-na mais problemas e obstáculos, o SEF e a Segurança Social. Mas as más experiências não apagam a boa impressão que o povo português lhe deixa: «Há sempre alguém que responde quando pergunto: “pode ajudar-me?”» Ao fim de sete meses, começa a dominar a língua, a instalar-se, a melhorar a vida e a descobrir a sua força, depois da reclusão traumática que lhe deu cabo da saúde mental. A sala fechada do aeroporto é cada vez mais coisa do passado, memória negra por arquivar. E o Irão permanece uma fonte de tristeza e saudade: «Adoro tudo no meu país, excepto o odioso governo que torna impossível o meu regresso. Não vou voltar tão depressa. Mas continua a ser o meu paraíso.»

José Mário Silva com Ya Ya Koné (Costa do Marfim), 22 anos; Faisal Abdulaziz (Sudão), 24 anos; Ibrahim Camara, (Senegal), 18 anos; Svitlana Bilotserkivska (Ucrânia), 52 anos; Leonardo Oropeza (Venezuela), 18 anos; Solmaz N. (Irão), 26 anos, no Centro de Acolhimento para Refugiados da Bobadela do CPR (Conselho Português para os Refugiados). Ilustração de Rita Dias.